

Atrasos não assustam alemães

O diretor para a América Latina do Bank Für Gemeinschaft, o décimo banco da Alemanha Federal em ativos, Ralf Kruger, apoiou ontem a renegociação global da dívida externa brasileira, inclusive a parcela relativa a juros, após encontro com o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni. Na opinião do banqueiro alemão, a renegociação mais ampla da dívida seria "a solução apropriada" para o Brasil, mas depende de "um difícil consenso" da comunidade financeira internacional.

Kruger explicou que o seu banco mantém "a calma" diante dos atrasos de "quatro a seis meses" no recebimento dos juros da dívida brasileira e considera necessários os esforços conjuntos dos bancos privados, governos dos países credores e organismos internacionais para que o Brasil supere ainda a fase "muito difícil" dos próximos cinco a seis meses em seu balanço de pagamentos.

Na conversa com o presidente do Banco Central, o diretor do Bank Für Gemeinschaft foi informado de que o acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI) ainda poderá demorar mais de um mês e, se sua aprovação ocorrer no início de outubro, o fundo desembolsará US\$ 820 milhões no final do próximo mês. Assim, nos próximos sessenta dias, Kruger admitiu que o volume de compromissos em atraso do Brasil continuará a crescer, mas não o suficiente para quebrar "a impressão positiva" do banco alemão de que o país enfrentará, conforme reiterou Langoni, em 1984, "situação bem mais fácil que a atual".

Kruger elogiou a mudança na estratégia brasileira de renegociação da dívida, com o diálogo aberto com os bancos credores. Lembrou que o pro-

grama inicial de ajuste das contas externas fracassou pela falta de experiência geral para a renegociação de uma dívida das dimensões da brasileira e também porque o governo brasileiro fez a montagem do primeiro pacote de empréstimos externos às pressas "e em cima da perna".

JUMBO

Embora os bancos alemães ainda não discutam a participação que terão no empréstimo-jumbo de US\$ 3,6 a 4 bilhões que o país ainda precisa para fechar o balanço de pagamentos deste ano, o diretor do Bank Für Gemeinschaft insistiu na tese de que a "única solução pragmática" para a dívida brasileira está na concessão de maior prazo de carência para as amortizações e o refinanciamento dos juros. Ressaltou que, em princípio, os bancos norte-americanos não aceitam a renegociação dos vencimentos a longo prazo para não perder controle de suas aplicações.

A posição do banqueiro alemão tem conotações bem favoráveis ao Brasil também na sua afirmativa de que, no processo de renegociação da dívida, o governo brasileiro não deve aceitar encargos adicionais, na forma de maior **spread** - taxa de risco acima dos juros básicos - ou de novas comissões.

Os empréstimos globais concedidos pelo Bank Für Gemeinschaft ao Brasil atingem US\$ 300 milhões e, deste total, mais de 20% para o programa nuclear - "a Nuclebrás é o maior cliente do banco no país". Kruger manifestou certa despreocupação com a desaceleração do programa nuclear, sob o argumento de que todos os empréstimos à Nuclebrás contam com o aval do Tesouro Nacional.